

# Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João Alfredo Rohr

*Maria José Reis\**  
*Teresa Domitila Fossari\*\**

## Resumo

A contribuição do Pe. João Alfredo Rohr para a arqueologia brasileira e, por extensão, para a arqueologia de um modo geral, é inestimável e merece especial atenção de todos aqueles que se dedicam a esta área de pesquisa e à preservação de patrimônios culturais. Ao longo de sua carreira de quase quarenta anos dedicados à arqueologia, a partir da década de 1950, vários foram os avanços em termos teórico-metodológicos, pioneiramente colocados em prática pelo Pe. Rohr na arqueologia catarinense, antecipando empiricamente princípios e pressupostos elaborados por arqueólogos internacionais, precursores de diferentes e inovadoras vertentes analíticas, de escassa circulação, à época, fora de seus países de origem. O presente texto tem como objetivo colocar em evidência a importância e a atualidade das investigações e publicações do referido arqueólogo. Ao mesmo tempo, busca-se demonstrar que sua obra, constituída pelo levantamento sistemático de sítios arqueológicos em Santa Catarina, o mais extensivo ocorrido na arqueologia catarinense, totalizando cerca de 400 sítios registrados e devidamente cadastrados, e, pela análise de parte destes sítios, está em sintonia e se aproxima de uma arqueologia contemporânea no sentido de sua vinculação ao compromisso de realizar um verdadeiro trabalho de reconstrução da memória nacional. Em outros termos, a arqueologia de Rohr esteve preocupada não apenas em recuperar objetos e

restos humanos do passado, mas, sobretudo, em tentar contextualizar e fazer inferências – cautelosas e sempre devidamente sustentadas por evidências empíricas – que permitam compreender, pelo menos em parte, os comportamentos e processos sociais vivenciados no passado, cujas evidências materiais constituem, no presente, o patrimônio cultural a ser resgatado através de pesquisas arqueológicas socialmente comprometidas com a devida identificação e registro desse patrimônio.

**Palavras-chave:** Arqueologia catarinense. Patrimônio cultural. Processos sociais do passado.

## **Introdução**

A contribuição do Pe. João Alfredo Rohr para a arqueologia catarinense e, por extensão, à arqueologia brasileira, é inestimável e merece especial atenção de todos aqueles que se dedicam a esta área de conhecimento e a preservação de nosso patrimônio cultural.

Alguns aspectos de sua biografia nos ajudam a compreender, em parte, seu perfil como arqueólogo. Destacam-se fatos como o de ter feito um curso extracurricular de “Humanidades”, enquanto cursava o segundo grau, e o de ter se dedicado, já no Seminário, durante quatro anos, ao ensino de história natural e, posteriormente, ao ensino de química e física.

Ao longo de sua carreira de quase quarenta anos dedicados à arqueologia, vários foram os avanços em termos teórico-metodológicos, pioneiramente colocados em prática pelo Pe. Rohr na arqueologia catarinense, antecipando empiricamente princípios e pressupostos elaborados por arqueólogos precursores de diferentes e inovadoras vertentes analíticas, a partir da década de 1950, de escassa circulação fora de seus países de origem, à época. Assim, a despeito de sua formação autodidata no que concerne à arqueologia, adotou em suas pesquisas uma perspectiva interdisciplinar, em parte elucidada por seus dados biográficos, preenchendo integralmente a

condição de “pesquisador-cientista”, nos moldes preconizados por Scharer e Ashmore (1979).

O primeiro passo na direção desta carreira, como já foi dito em trabalhos anteriores (REIS; FOSSARI, 1984; FOSSARI, 2001), ocorreu quando da aquisição da Coleção Carlos Berenhauser, na década de 1940, para o Colégio Catarinense, localizado em Florianópolis (SC), no qual Pe. Rohr instalou o “Museu do Homem do Sambaqui”, aberto à visitação pública em 1964. Sua estreia como arqueólogo, entretanto, deu-se pelo registro de vestígios arqueológicos da Ilha de Santa Catarina, que resultou em sua primeira publicação, datada de 1950. Foi no ano de 1958 que deu início a seu primeiro trabalho de escavação sistemática em um sítio localizado na Ilha de Santa Catarina – Caiacanga Mirim. A partir daí, ganhou notoriedade e passou a integrar a comunidade dos arqueólogos brasileiros, tornando-se um dos seus maiores expoentes, graças à sua valiosa contribuição acadêmica e à sua postura ética em relação ao universo pesquisado e aos colegas de profissão. De modo todo especial, deixou importante contribuição ao patrimônio arqueológico catarinense ao desempenhar as funções de representante da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), e ao realizar o mais extensivo levantamento e registro de sítios da arqueologia catarinense, totalizando cerca de 400 novos sítios registrados e devidamente cadastrados.

Além da contribuição referente a todas as etapas do trabalho arqueológico – do levantamento à escavação sistemática de sítios e à elaboração de seus resultados – destacados a seguir, apontaremos em suas publicações passagens que atestam uma atuação marcada pela obstinação em relação à proteção ao patrimônio arqueológico catarinense; sua visão humanística e socialmente crítica sobre as populações indígenas brasileiras, testemunhas vivas de nosso passado pré-colonial; seu interesse em registrar as condições sociais das populações onde estavam localizados os sítios pesquisados, bem como suas impressões no que concerne aos vestígios arqueológicos registrados em suas localidades.

## **Contribuições sobre as diferentes etapas da pesquisa arqueológica**

De acordo com Sharer e Ashmore (1979), a coleta de dados arqueológicos envolve três procedimentos básicos: o reconhecimento e o levantamento dos sítios, o *survey* e a escavação. Nos trabalhos de Pe. João Alfredo Rohr é possível registrar a realização de todos esses procedimentos, levados a cabo com esmero e com um detalhamento surpreendente para a época em que foram realizadas suas pesquisas, levando-se em conta, como já dissemos anteriormente, que tais procedimentos foram implementados por iniciativa própria, sem a orientação metodológica das referidas fontes bibliográficas, parte delas publicadas posteriormente.

### *Localização, descrição e classificação de sítios*

Pe. Alfredo Rohr levantou mais de 400 sítios em Santa Catarina, através de minucioso trabalho de campo, promovendo uma verdadeira “varredura” de determinadas regiões, localizando e identificando sistematicamente os sítios.

Vários procedimentos são descritos em suas formulações, como as transcritas abaixo, sobre as pesquisas de campo destinadas ao reconhecimento e levantamento inicial de sítios arqueológicos em diferentes regiões catarinenses, procedimentos anteriores ao levantamento propriamente dito, como os recomendados em obras posteriores, publicadas, entre outros autores, por Rathje e Schiffer (1983) e Renfrew e Bahn (1993), tais como a consulta à população residente na região a ser investigada, seu repertório folclórico sobre os sítios arqueológicos e sobre a população indígena que, originalmente, ocupou a região.

[...] devido a erros de interpretação de ingênuos caçadores de tesouros, que querem ver nas sinalações rupestres roteiros de tesouros escondidos ou marco de navios afundados. [...] diversos belos conjuntos de petróglifos da Ilha do Campeche

e da Ilha de Porto Belo (Ilha João Cunha) foram dinamitados (ROHR,1976, p.20).

[...] a região de Urussanga, antes da conquista, era densamente povoada por indígenas. [...], segundo os documentos históricos e arqueológicos, de que dispomos, até a presente data, eram os índios Kaingang ou Xokleng, que habitavam as encostas da serra e o planalto catarinense e, esporadicamente, acorriam ao litoral. [...]. As suas flechas eram munidas de pontas de sílex; outras tinham compridas pontas de madeira, munidas de grande número de farpas. [...]. Conheciam, também, a arte de preparar vasos de barro cozido de pequeno porte, para usos domésticos e culinários (ROHR, 1982, p.58).

Fazem, igualmente, parte desses relatos, como se constata nos trechos de seus artigos transcritos a seguir, informações indicadas como importantes nesta etapa da pesquisa arqueológica, por autores como Sharer e Ashmore (1979). Entre elas, em primeiro lugar, a caracterização das dificuldades de acesso aos locais dos vestígios arqueológicos; as de localização, devido a diferentes fatores ocorridos após a formação dos sítios, tais como uma intensa cobertura vegetal, ou a mobilidade das areias de dunas, pela ação eólica. Em segundo lugar, uma detalhada descrição sobre o estado de conservação de cada uma das evidências registradas. De modo especial, são apontados os fatores que, a seu ver, contribuíram para sua destruição, fossem eles desencadeados por agentes naturais ou pela ação antrópica.

Foi trabalho árduo, particularmente devido à falta de estradas em condições. A travessia de rios e arroios empedrados e sem pontes, em passos de dezenas de metros de largura, está na ordem do dia. Não raro, torna-se necessário recorrer a trator ou junta de bois para safar o jeep de algum atoleiro, particularmente traiçoeiro e profundo. Chuvas torrenciais, enchendo os rios, tornam intransitáveis as estradas e impedem o acesso aos sítios. As condições de trabalho, nas escuras e úmidas galerias subterrâneas, são as piores possíveis. A remoção de terra de profundas crateras, nas escavações de casas subterrâneas, é aventura trabalhosa; ainda mais, quando desabam aguaceiros, transformando o sítio em lodaçal (ROHR, 1971, p.1).

Muitos sítios, inclusive sambaquis de 3 a 4 m de altura, permanecem, periodicamente, soterrados por completo, durante anos, sob as areias das dunas. Por isto, somente uma prospecção permanente da região, poderá revelar tudo o que por lá existe de monumentos arqueológicos. (ROHR, 1969, p.4).

Por ensejo da nossa visita, em julho de 1960, os tratores e caminhões da Prefeitura Municipal [São Francisco do Sul], desmontavam ainda diariamente, uma média de oitenta metros cúbicos de conchas, que eram aproveitadas como macadame de estradas. Todas as estradas dos arredores e do interior da Ilha, numa extensão de dezenas e dezenas de quilômetros, acham-se atapetadas de conchas de sambaqui. (ROHR,1961, p.16).

Na Lagoa da Conceição um sambaqui com “[...] 60 m de comprimento por 30 m de largura; sendo a espessura de conchas 5 a 6 m. [...]. Metade deste casqueiro foi destruído, a decênios passados, por fabricantes de cal” (ROHR, 1961, p.8).

Diante do lamentável quadro de destruição que verificou em muitos dos sítios arqueológicos levantados no estado de Santa Catarina, Pe. Rohr não só registrava tais ocorrências, mas apresentava sugestões para a tomada de medidas mitigadoras.

No terreiro de três sítios vimos igaçabas, funcionando como vasos de flores. [...] Não raro o artefato era partido ao meio, para ver se não encerrava algum metal precioso. Em vista deste estado de coisas passamos a fazer intensa campanha de esclarecimento pelo rádio, por conferências e palestras, evidenciando que o patrimônio cultural do Município estava sendo leviana e irreparavelmente dilapidado. Conseguimos induzir as autoridades locais a fundar um Museu Arqueológico Municipal, ao qual serão recolhidos todos os artefatos indígenas, acaso encontrados nas roças, nos campos e nos pastes. Provisoriamente o Museu tem como sede a Caixa Rural, sendo o gerente da Caixa, Sr. Wilibaldo Stuelp, a alma do Museu incipiente. (ROHR, 1966, p.28).

Nas atividades de reconhecimento e de levantamento, não só registrou sítios de determinados tipos, já identificados anteriormente, como também revelou a existência, em Santa Catarina, de novos tipos como as “casas” e galerias subterrâneas, os pequenos aterros

associados a esses sítios, os terreiros de antigas aldeias, os sítios oficinas, os sítios de sepultamentos, os desenhos e pinturas rupestres, as grutas e os abrigos sob rocha, localizados em diferentes regiões catarinenses, desde o extremo oeste até a Ilha de Santa Catarina.

Sobre as “casas” ou “estruturas subterrâneas” (REIS, 2007) Pe. Rohr afirma:

[...] representam uma invenção engenhosa do índio para defender-se das nevascas e dos ventos gelados do inverno rigoroso das grandes altitudes. No fundo de uma cratera, sob um teto feito de pau, cascas de árvore, folhas e terra, com a lareira acesa, o índio achar-se-ia ao abrigo do frio, por intenso que este fosse. (ROHR, 1971, p.15).

No que concerne às galerias subterrâneas, comenta :

Trata-se de uma série de galerias, umas correndo paralelas às outras e interligadas entre si; outras laterais divergentes, cavadas em rocha mole de arenito, com dezenas de metros de comprimento. De resto, em tudo semelhantes às outras galerias, registradas na região. (ROHR, 1970, p.146).

Em relação aos aterros que localizou, associados a estruturas subterrâneas, afirma:

Ladeiam o sítio três montículos de terra de tonalidade amarelada, de trinta centímetros de altura e metro e meio de comprimento. Montículos semelhantes foram escavados nas vizinhanças das casas subterrâneas, em Caxias do Sul, RS. e em Alfredo Wagner SC. São considerados monumentos funerários dos índios Kaingang. (ROHR, 1982, p.54).

Nos campos do planalto catarinense, não raro, encontrou terreiros de antigas aldeias nitidamente delimitados por pequena elevação de terra, em forma de coroa, de 20 a 100 m de diâmetro. Esses vestígios arqueológicos são descritos por Pe. Rohr nos seguintes termos:

Com o fim de elucidar a natureza daqueles pretensos ‘Terreiros de Dança’ foram feitas escavações em dois deles, [...] Nas trincheiras abertas foram encontradas, até a

profundidade de 70 cm, fogueiras com abundante carvão vegetal, cerâmica indígena e material lítico trabalhado. [...] Em vista dos resultados obtidos nas escavações, chegamos à conclusão que aqueles supostos terreiros de dança dos bugres, na realidade, são terreiros de antigas aldeias. Achavam-se localizadas em pontos altos e estratégicos e estavam guarnecidas por uma paliçada protetora, que se manifesta, ainda hoje, pela coroa de terra circular ao redor do topo do morro. (ROHR, 1971, p.19).

Sobre as inscrições ou desenhos rupestres, entre muitas outras observações, Pe. Rohr afirma:

Na Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes, há grande número de petróglifos de motivos geométricos e naturalísticos; possivelmente, de origem tupi-guarani (carijó). No planalto catarinense, encontramos petróglifos, alguns com induto preto, geométricos e naturalísticos, também, mas diferentes do litoral, que podem ser atribuídos, com certa segurança, às populações Gê ou Caingang, que ocupavam o planalto no tempo da conquista. (ROHR, 1976).

Tivemos a primeira notícia da existência de petroglifos no planalto catarinense em 1966, ao fazermos pesquisas arqueológicas em Alfredo Wagner (Ex-Barracão). Na época visitamos e fotografamos o grande conjunto do Morro do Avençai, próximo à cidade de Urubici, que ocupa uns 20 m<sup>2</sup> de extenso e alto paredão arenítico. [...] Possivelmente, porém, tenha sido habitação indígena. Fato que se reveste 'de certa importância; de vez que permitiria a datação dos petroglifos, através do carvão recolhido no sítio'. (ROHR, 1971, p.11).

Por outro lado, a identificação e a classificação de cada um desses tipos de sítio corresponde a uma minuciosa descrição e catalogação de suas características: sua localização em termos da paisagem circundante, sua composição, forma e dimensões, posteriormente recomendadas pelos referidos precursores, entre os quais Smith (1976). Exemplo de tal procedimento pode ser constatado na seguinte formulação do Pe. Rohr.

Além das informações de localidade e propriedade dos sítios ele os classifica "segundo a sua natureza, em sítios de inscrições rupestres, sítios de sepultamento junto a cascatas, casas

subterrâneas, galerias subterrâneas, terreiros de aldeias e outros sítios abertos, relatando-os de acordo com este esquema. A área, abrangida pelo sítio arqueológico será dada em números, indicando comprimento, largura e espessura do mesmo, em metros. Estes dados possuem valor aproximativo; de vez que somente durante as escavações arqueológicas são reveladas as verdadeiras dimensões do sítio. (ROHR, 1971, p.31).

### *Surveys e escavações sistemáticas*

Como pode ser observado nos recortes de textos a seguir, Pe. Rohr completava o reconhecimento e a localização com um detalhado *survey*, ou seja, como sugerem de modo especial Rathje e Shiffer (1983) e Renfrew e Bahn (1993), com a obtenção do maior número possível de informações dos sítios antes de sua escavação, através de documentação fotográfica, coleta de superfície dos vestígios localizados e elaboração de plantas topográficas, como na descrição que segue.

Preliminarmente, elaboramos cuidadosa planta topográfica do sítio, compreendendo toda a barreira da olaria. Foi feita, igualmente, a documentação fotográfica do sítio, antes da exploração, com filme preto e branco e com slides coloridos. A planta topográfica [...] revela, que o oleiro, escavara uma área de, aproximadamente, 760 m<sup>2</sup> (ROHR, 1967, p.7).

Eram, também, realizadas em seus trabalhos de campo, prospecções, através da realização de poços testes, como recomendam diferentes autores, a exemplo de Sharer e Ashmore (1979.) .

Na primeira sondagem feita naquele casqueiro [sambaqui V do Rio Tavares], a uma profundidade de 70 cm, demos diretamente com uma caveira humana. [...] procedemos a uma exploração sistemática desta jazida, cuja área não ultrapassava em muito os 100 m<sup>2</sup>. (ROHR, 1960, p.10).

Por outro lado, os sítios arqueológicos têm sido definidos como um aglomerado espacial de artefatos, de “*features*” ou estruturas, e de ecofatos. A escavação, de acordo com todos os autores precursores já

referidos, é o principal meio de obtenção dos dados acima aludidos. Além da recuperação de determinados vestígios, os trabalhos de escavação permitem identificar sua associação em contextos primários, todos reveladores de antigas funções e comportamentos, como nos casos descritos por Pe. Rohr, nas transcrições abaixo.

A terra negra, que mediava entre os fogões estava semeada de pedregulho de basalto e granito negro de carvão, ostentando vestígios nítidos de fogo e muitos deles esfarelado. Estávamos evidentemente em face de um acampamento indígena, quiçá de um chão de casa. No entanto, não foi possível encontrar, no solo daquela extensa cozinha pré-histórica, qualquer vestígio de cerâmica ou outro objeto que nos dissesse algo mais sobre os supostos donos dos fogões. (ROHR, 1961, p.14).

Observam-se neste nível, outrossim, freqüentes e espaçados aprofundamentos cônicos da camada arqueológica dentro da areia. Estes aprofundamentos possuem 10 a 29 cm de diâmetro e podem atingir até 90 cm de profundidade. Tomamos estas evidências por postes e estacas decompostas. [...] A densidade das estacas [...] parece indicar ocupação prolongada do mesmo sítio, com sucessivas reconstruções de habitações no mesmo lugar (ROHR, 1967a, p.810).

Nas escavações do Pântano do Sul foram recolhidos acima de duzentos litros de ossadas de peixes, aves e mamíferos, autênticos restos de cozinha. [...] De um lado, eram grandes ossadas de baleias e de botos, em adiantado estado de decomposição e, do outro lado, ossos triturados de pequenos peixes (ROHR, 1977, p. 72).

Nos trabalhos de escavação, Pe. Rohr buscava, igualmente, evidenciar a dimensão horizontal da área do sítio por inteiro, técnica denominando atualmente de *escavação em área* (GONÇALVES, 2002). Para Renfrew e Bahn (1993, p.513) a “Abertura de grandes áreas horizontais [são] realizadas principalmente quando os depósitos de um único período se encontram próximos da superfície...”. “Passando a um cuidadoso desmonte horizontal, destinado a pôr a descoberto o esqueleto em foco, verificamos no solo nitidamente, os contornos da sepultura, que tomava início na camada superior e estendia-se através de todas as camadas” (ROHR, 1961, p.14).

Pode-se constatar, ainda, o exercício de uma extrema acuidade em relação aos diferentes vestígios localizados nos sítios escavados, de modo especial quanto às associações mencionadas, além da preocupação com a preservação de *features*, através de sua cimentação, técnica criada pelo Pe. Rohr. Exemplos desta cuidadosa observação e preservação podem ser extraídos da citação abaixo.

Escavando o sítio arqueológico da Praia da Tapera, nos anos de 1962 a 1966, insistimos uma vez mais, em trazer ao museu alguns esqueletos, junto com blocos testemunha. Para tanto, recorremos ao expediente de cimentar os sepultamentos. Este método, aperfeiçoado cada vez mais pela prática, finalmente, deu resultados de todo satisfatórios. (ROHR, 1970, p.5).

Surpreende, do mesmo modo, nas descrições dos sepultamentos em sambaqui e em urna funerária, como nas que transcrevemos a seguir, a riqueza de detalhes em relação à deposição dos esqueletos, a associação com determinados objetos e seu estado de conservação, em consonância com o que foi posteriormente indicado por Renfrew e Bahn (1993).

O esqueleto [sambaqui da Praia Comprida] estava coberto de ocre vermelho cor de sangue. Caindo do pescoço até a cintura, via-se um colar, feito de centenas de conchinhas perfuradas de pequeno gastrópode (*Olivella* sp.) O sepultamento estava rodeado de vasos de barro não queimado, de trinta a quarenta centímetros de altura. O primeiro deles, repleto de areia muito alva, tinha, no fundo, um machado de pedra, cuidadosamente polido. O segundo encerrava conchas grandes de um molusco, todas da mesma espécie (*Phacoides pectinatus* Gmelin). O terceiro era uma formação de barro, com muitos alvéolos, contendo carvão e cinza, de significado problemático. Era impressionante a soma de detalhes, que atestavam o carinho, com que a pobre mãe pré-histórica, sepultara o seu filhinho falecido. (ROHR, 1970, p.4).

Foram igualmente registradas, de modo detalhado e sistemático, informações sobre a estratificação dos sítios, sendo levantadas hipóteses de abandono e de reocupação de alguns deles, por meio

de uma caracterização estratigráfica, como propõe Stein (1992). Como é sabido, a deposição das camadas de solo depende de atividades humanas e de processos naturais. Por recomendação desses autores, é indispensável em uma avaliação estratigráfica distinguir entre a origem natural e a cultural dos depósitos localizados, procedimento que foi implementado nas pesquisas de Pe. Rohr, conforme se constata nas transcrições abaixo.

O material arqueológico é encontrado na camada de terra preta. Nesta camada, a sessenta centímetros de profundidade, encontramos um primeiro nível de ocupação ou chão de casa. Neste nível, o solo estava juncado de centenas de seixos rolados, trazidos do rio; de artefatos de pedra, de fibra e de madeira; de cipós, e paus, alguns de vinte centímetros de espessura, e parte deles, parcialmente, carbonizados pelo fogo. Havia, também, abundantes cascas de árvores. (ROHR, 1967, p. 9).

Rohr (1967b) identificou, em um dos sítios analisados, três estratos arqueológicos, o *Nível A*; *Nível B* e *Nível C*, os quais, em síntese, apresentam as seguintes características:

*Nível A* – [...] de húmus de mistura com terra [...] e areia. Possui cor cinza-escura; é duro e compacto, devido ao entrançado das raízes finas das gramíneas... (ROHR, 1967b, p. 809).

*Nível B* – [...] Nele foram recolhidos centenas de litros de ossadas de peixes, aves e mamíferos, e, apenas algo menos, em lascas cortantes de [...] diabásio bem como seixos [...] e seixos submetidos à ação do fogo. Igualmente abundante, no nível B, são os machados líticos, batedores, amoladores, raspadores, alisadores de cerâmica, quebra-coquinhos, pontas de flecha ósseas; dentes de cação; dentes de mamíferos; objetos de adorno; pedras cortantes.

*Nível C* – [...] terra escura com muita areia, conchas trituradas e algumas conchas isoladas. A percentagem de areia neste nível vai gradualmente aumentando, de cima para baixo. De acordo com a percentagem de areia, muda também a cor, passando da tonalidade amarela-escura para amarela-clara da areia pura (ROHR, 1967b, p.810).

### *Os trabalhos de laboratório*

De acordo com a perspectiva teórica de Sharer e Ashmore (1979), todos os dados arqueológicos representam idealmente três estágios consecutivos de comportamento: a manufatura, o uso e sua deposição. É possível identificar nos trabalhos do Pe. Rohr a preocupação com esses três estágios relativos aos artefatos por ele registrados e coletados, além de acentuada análise no que concerne aos restos ósseos humanos.

As faces dos machados geralmente sofreram apenas retoques por lascamentos laterais nas arestas mais vivas e incômodas à mão do operador. Estas pequenas cicatrizes de lascamentos, muitas vezes, foram ainda parcialmente eliminadas por polimentos posteriores. Em vista disto, as faces, de acordo com a peça original escolhida, mantiveram-se planas, convexas ou irregulares. (ROHR, 1967b, p.1102).

Coagidos, um dia, a abandonarem o sítio, as pressas, deixaram no local os seus trastes de madeira, de fibra e de pedra. A maloca, coberta com ramos de pinheiro, com cascas e folhas de árvores, acabou ruindo por terra. O telhado caiu sobre o material arqueológico. O leito da nascente, não sendo mais drenado, foi-se entupindo e a água represada formou um banhado. Este banhado, no decorrer dos anos, foi-se entulhando, mais e mais, com folhas, detritos orgânicos e lama, que soterraram por completo o acampamento indígena. Uma vez cobertos de água e lama, ao abrigo da ação destruidora do oxigênio do ar, a conservação dos artefatos de madeira e de fibra estava garantida. (ROHR, 1967, p.7).

Do mesmo modo, considerando, como apontam os autores acima citados, que o propósito da análise dos dados é fornecer informações para a interpretação arqueológica, estas análises podem ser de vários tipos, incluindo classificações tipológicas, análises cronométricas e modos diferenciados de análises técnicas, que podem, entre outros aspectos, permitir inferências sobre os usos a que se destinavam tais artefatos. Os referidos manuais sugerem que parte dessas análises pode ser feita em laboratório de arqueologia, pelos próprios arqueólogos; outras, contudo, podem ser realizadas por

diferentes especialistas de outras áreas de conhecimento, como geógrafos, biólogos, antropólogos físicos e odontólogos.

Pe. Alfredo Rohr, tanto recorreu a diferentes especialistas para realizar as referidas análises - nominando e retribuindo a todos com agradecimentos na publicação dos resultados das investigações - quanto utilizou os conhecimentos de várias outras especialidades científicas, no que concerne a diferentes tipos de vestígios, realizando ele próprio, um verdadeiro exercício interdisciplinar. Este exercício pode ser percebido em relação à identificação do material lítico, apropriando-se de informações provenientes da geologia; nas identificações do material faunístico, demonstrando sua incursão pela malacologia; em sua apreciação sobre os ecofatos e uma aproximação com outras ciências naturais; e em sua familiaridade com noções sobre o conteúdo nutricional, bem como sobre a composição química da dieta dos ocupantes pré-coloniais dos sítios analisados – o que não surpreende pelo fato de ter sido professor desta última disciplina.

Aos poucos o desgaste vai atingindo a gengiva, pondo a descoberto o canal do nervo e, finalmente, chega ao extremo de desgastar parte da própria raiz do dente [...]. Nesta fase os maxilares começam a recuar, rejeitando os dentes, que vão caindo aos poucos. [...] tudo indica, que o maior flagelo que atribulasse aquele povo, tenham sido terríveis dores de dente; salvo se admitirmos que conhecessem algum antídoto natural que lhes aliviasse a dor. Tivemos ensejo de consultar diversos cirurgiões dentistas que todos concordaram, prontamente, em afirmar, que indivíduos, com tamanho desgaste de dentes, deviam sofrer dores insuportáveis (ROHR 1959, p.216).

Os trabalhos tiveram início [...] com o levantamento topográfico e fotográfico do sítio, antes da exploração. O levantamento topográfico foi feito pelo Departamento Nacional de Saneamento (ROHR 1966, p.6).

As conchas classificadas pelo Dr. Hugo de Souza Lopes, do Instituto Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, são das seguintes espécies: *Navícula umbonata* (Lamark)... (ROHR 1966, p.8).

Fruto dos esforços conjugados de muitos, o presente trabalho, não tem pretensões do ser completo e, muito menos, livre de

falhas. Cumpre-nos salientar, sobretudo, a cooperação de Balduino Rambo e Ignácio Schmitz, S. J., que nos animaram a publicar o trabalho e nos ajudaram na medição e descrição dos crânios. [...] o Sr. Dr. Buechele Junior, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e cartografia e Desenhista Moacir Coelho que elaboraram os croquis topográficos da jazida e da disposição de parte dos esqueletos. Agradecemos, também, aos colegas professores e empregados que nos ajudaram nas escavações. (ROHR, 1959, p.199).

No fabrico dos machados foi utilizado o diabásio, rocha eruptiva de granulação fina, resistente, mas fácil de lascas e de polir. Junto à praia, pouco distante do sítio arqueológico, afloram diversos diques de diabásio, por entre a rocha de granito. A maioria dos machados foi preparada a partir de prismas de diabásio, extraídos daquela pedreira. Para o fabrico de outros, porém, foram aproveitados seixos de diabásio, encontrados ao acaso. Estes, por tempo mais ou menos longo, estiveram expostos às intempéries; por isto, têm a superfície revestida de fina camada de decomposição. Alguns exemplares foram preparados de seixos, rolados pelas águas ou de seixos submetidos a ação do fogo (ROHR, 1977, p.29).

Foram recolhidos dentes das seguintes espécies da fauna nacional: Cutia (*Dasyprocta azarae*), Paca (*Agouti paca*), Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), Botos, Graxaim (*Cerdodon thous azarae*), Coati (*Nasua nasua*), Onça (*Jaguaris onça L*), Jaguaritica (*Felis pardalis*), Gato do mato (*Felis pardalis*), Lobo do mar (*Otaria flavescens Shaw*), Leão marinho (*Arctocephalus australis Zimm*), Cervídeos, Miraguaia (*Pogonius chromis*), Anequim (*Cacharodon cacharias*), Mangona (*Odontopsis americanus*). (ROHR, 1977, p.79-80).

Se na reconstituição da habitação do homem da Tapera pisamos terreno algo inseguro, o mesmo não acontece ao examinarmos a sua alimentação. Estão aí fartos 'restos de cozinha' a orientar-nos os passos. A alimentação racional forçosamente deverá incluir os três elementos básicos: proteínas, gorduras e carboidratos. [...] Ora, encontramos nos detritos deixados pelos habitantes da Tapera muitas toneladas de cascas de moluscos, vários metros cúbicos de ossada, de peixes e de caça de todas as espécies. Tanto os moluscos, como a carne de peixe e de caça, abastecerá a mesa do homem da Tapera de abundantes proteínas. A gordura dos animais e peixes proverá igualmente as sumas necessidades de glicérides. (ROHR, 1967b, p.998) .

A região serrana, por seu turno, além de muitas outras frutas e sementes, tinha a oferecer o Pinhão, alimento rico, forte e

sadio, o qual, à semelhança do maná bíblico, caía do céu. Era só juntá-lo do chão. Tinha ainda sobre o maná a vantagem de poder ser armazenado. Realmente, foi encontrado, em Alfredo Wagner, um sítio submerso, contendo dois alqueires de pinhão, armazenado pelos índios. De mais a mais, havia na região abundância de caça: manadas de porcos do mato, cervídeos, antas, capivaras, coatis, pacas, cotias e tatus; sem falar da caça de penas: macucos, jacus, jacutingas, urus, pombas, perdizes, papagaios, nhambus, etc. (ROHR, 1971, p.11).

Os esqueletos humanos mereceram, contudo, por parte do Pe. Rohr, análises mais minuciosas que as devotadas para os demais vestígios, demonstrando um considerável domínio de antropologia física, como é possível perceber nos recortes de alguns de seus trabalhos que transcrevemos abaixo. Evidencia-se, também, sua preocupação em detectar nos esqueletos humanos as marcas de determinados usos e intervenções, como os igualmente apontados por Renfrew e Bahan (1993).

Em decorrência da falta de resguardo das intempéries, o brasilíndio naturalmente estava sujeito a contrair afecções reumáticas. Afecções estas, capazes de deixarem nos ossos, sinais, que mesmo depois de milênios, ainda podem ser observados. O esqueleto N° 146, por exemplo, da Tapera, apresenta anomalias graves nos úmeros. Estes, em vez da forma globular usual, têm a cabeça achatada e angulosa. Duas falanginhas da mão direita estão concrecidas em ângulo obtuso, atestando um dedo torto. O fêmur esquerdo apresenta o colo estreitado e a cabeça enrugada e esponjosa. Afigura-se-nos um homem, que sofresse de artritis crônica. (ROHR,1966, p.12) .

Diversos esqueletos, como por exemplo, os n.ºs 14, 52 e 91, apresentam exostoses nos ouvidos, isto é, canal auditivo ossificado. (ROHR, 1966, p.12).

Vista de baixo, esta parte da mandíbula, devido ao rebordo, apresenta uma espessura muito maior, do que as mandíbulas comuns. Nos crânios femininos, não se acentua tanto esta configuração especial da região do mento. Os ramos ascendentes da mandíbula caracterizam-se, igualmente, pela sua notável robustez nos indivíduos masculinos. Ultrapassa, comumente, de um terço a altura e a largura das mandíbulas comuns. O ângulo da mandíbula no ramo ascendente, às vezes, é quase reto e as protuberâncias, masseténica e ptenigóidea, são robustas e acentuadas. (ROHR 1959, p.215).

Em muitos indivíduos, faltam quase todos os dentes da mandíbula, encontrando-se os alvéolos já fechados e cicatrizados. Em virtude disto a mandíbula apresenta-se muito recuada. [...] Em virtude do desgaste dos dentes e das dores subseqüentes, de uma ou de outra forma, procuravam extrair os dentes. Há vestígios de extração violenta, [...] onde uma operação cirúrgica destas, em um molar superior, redundou em fratura óssea. Em virtude disto a extração não foi completada e o dente deslocado, junto com um fragmento do maxilar, cicatrizou novamente. Em outros casos o maxilar, devido ao desgaste extremo, rejeitava os dentes espontaneamente. De um fato, assaz conhecido na cirurgia dentária, que a mandíbula, uma vez perdidos os dentes, recua muito em tamanho e robustez. (ROHR 1959, p.216).

De sessenta dentaduras de adultos, procedentes da Tapera, e susceptíveis de observação e estudo, todas, sem exceção, apresentam abrasões dentárias. Em trinta e três delas as abrasões chegam ao quarto grau e em cinco apenas as abrasões não passam do primeiro grau. As abrasões do terceiro e do quarto grau são de conseqüências trágicas. Em vinte e cinco destes indivíduos há evidência de perda de dentes 'in vivo'. Em outras vinte observamos começo de rejeição dos dentes. (ROHR, 1966, p.16)

## **Inferências e interpretação dos vestígios**

Avanços extremamente significativos em relação a aspectos de inferência e de interpretação dos dados somam-se aos que ocorreram na arqueologia, a que aludimos, cuja presença pioneira em Santa Catarina, em termos práticos – na maioria de ordem metodológica – conseguimos identificar na obra de Pe. Alfredo Rohr. Dentre esses avanços, podem ser elencados aqueles relativos às criativas análises da paisagem e sua relação com diferentes tecnologias; com áreas de captação de recursos; com a definição de padrões de assentamentos, bem como a potencialização interpretativa das evidências arqueológicas em conexão com outras evidências deste tipo e com informações históricas e etnográficas, pela utilização de diferentes formas de analogia.

No que concerne às evidências arqueológicas e sua interrelação com a paisagem, vale destacar, em primeiro lugar, a afirmação de Sharer e Ashmore (1979, p.315) de que

[...] a tecnologia é o meio através do qual as sociedades humanas interagem mais diretamente com o ambiente natural. Ela consiste de um conjunto de técnicas e de um corpo de informações que fornecem meios de converter matérias primas em instrumentos, para procurar e processar alimento, construir ou localizar abrigo e assim por diante.

Tendo em vista que a tecnologia se relaciona tão proximamente com o ambiente natural e exerce, de muitas maneiras, a intermediação dos grupos humanos com o ambiente natural, como salientam os autores citados, faz-se necessário examinar os meios pelos quais os arqueólogos reconstroem o meio ambiente. A seu ver, são olhados dois tipos de dados para reconstruir os ambientes físicos do passado. O primeiro é a observação dos espaços atuais, incluindo, dentre outros aspectos, a topografia e as fontes de recursos bióticos e minerais, tais como as fontes de água, animais, plantas e rochas para a produção de instrumentos. O segundo é a coleta de ecofatos, seja dos depósitos arqueológicos ou de outros dentro da zona de estudo. Quanto à tecnologia, os autores acima citados afirmam que é possível considerar quatro categorias: de produção de artefatos, obtenção de alimentos, construção de *features*, ou de estruturas, e de transporte.

Nas pesquisas arqueológicas do Pe. Rohr pode-se identificar, como nas passagens transcritas abaixo, tanto as práticas relativas à reconstituição das paisagens do passado quanto a análise da tecnologia, procurando inferir seus usos em relação ao contexto ambiental onde foram localizados. Foi também através da síntese das informações sobre o meio ambiente e a tecnologia que, intuitivamente, reuniu informações para a delimitação de potenciais “áreas de captação de recursos”, categoria proposta por Vita-Finzi e Higgs (1970). Ou seja, o território anual de exploração de recursos dos grupos cujos vestígios foram arqueologicamente investigados. Essa categoria corresponde, de acordo com esses autores e com Jarmam (*apud* FOSSARI, 2004), ao entorno de um antigo assentamento, que poderia ter sido habitualmente explorado pelos seus habitantes, levando em conta que, de uma maneira geral, as populações humanas

exploram recursos localizados a uma certa distância de suas áreas residenciais.

A fartura de pinhão atraía manadas de porcos do mato (*Dicotyles tayassu* e *Dicotyles albirostris*). Os campos eram as pastagens preferidas dos cervídeos (*Dorcephaius dichotomus*, *Dorcephaius bezoarcticus*, *Mazama americana*, etc.). Os cervídeos, por seu turno, traziam no seu encalce o jaguar (*Felis onza*) e o puma (*Felis concolor*). Em toda a zona ocorrem, ainda hoje, felídeos de menor porte, tais como a jaguatirica (*Felis pardalis*) e gatos do mato (*Felis wiedi*, etc.). Os rios e banhados eram o habitat da anta (*Tapyrus americanus*), da capivara (*Hydrocoerus capibara*). Roedores menores: paca (*Coelogenis paca*), cutia (*Dasiprocta azarae*) e o ouriço (*Coendra prehensilis*), ainda hoje se fazem encontrar, na região. Graxains (*Canis brasiliensis*), iraras (*Tayra barbara*), tatus (*Dasyus novemcinctus*), tamanduás (*Myrmeco-phaga jubata* e *Tamanduá tetradacthus*) e símios (*Cebus niger* e *Aluata caraya*) completam o quadro faunístico da região. A fauna avícola, da sua parte, não é menos rica e variada, sendo ainda hoje representada por Tinamídeos; jacutinga, jacupema, macucos e inhambus, urus (*Odontophorus capueira*); Tucanos (*Ramphastus toco*); Psitacídeos: periquitos e papagaios; gaviões (*Thasyaetus harpyia*, etc. corujas, marrecas e garças. (ROHR, 1971, p.4- 5).

Os mares piscosos, as lagoas riquíssimas em peixes, crustáceos e moluscos; a imensa planície paludosa, ainda hoje, infestada de jacarés, capivaras e ratões do banhado; os brejos, onde vegetam palmáceas, mirtáceas e outras frutas silvestres; os campos, onde encontramos codornas, saracuras, pombas, aracuãs, urus e até macucos, constituiriam, por certo, em épocas remotas, verdadeiro eldorado, onde o homem primitivo encontrava alimento abundante e sadio ao alcance da mão. Daí explicar-se-iam, naturalmente, os numerosos, variados e imponentes monumentos arqueológicos, dos quais Jaguaruna se pode orgulhar. (ROHR, 1969, p. 3)

A matéria-prima de que o homem da Tapera mais freqüentemente lançava mão, ao confeccionar artefatos líticos, era o diabásio [...], rocha [...], dura e resistente, mas fácil de lascas e polir. O diabásio forma, não raro, [...] diques mais ou menos espessos, intrusivos no granito, que constitui a rocha mater da Ilha de Santa Catarina e arredores. (ROHR 1967c, p.1099).

De modo similar, Pe. Rohr faz inferências em seus textos sobre o “padrão de estabelecimento”, categoria analiticamente proposta por Willey (1953) e discutida por diferentes autores, entre os quais os da obra por ele organizada (WILLEY, 1968), e por Chang (1968).

Admitindo que os homens da Tapera sepultassem os seus falecidos dentro da casa, ao redor das paredes, como sugerem os esqueletos dispostos em círculos e semicírculos, podemos imaginar também de alguma maneira a configuração de suas casas. Tratar-se-ia de espaçosas malocas de forma arredondada, com 5 a 10 m de diâmetro, construídas de pau a pique. Estes paus ou postes, mais altos no centro da maloca, decresceriam em altura na direção da periferia e estariam ligados entre si por meio de varais, partindo do centro, em forma de raios, amarrados por liames de cipó e cobertos com folhas de palmeira. As portas dariam para a praia, de vez que para aquele lado geralmente os semicírculos dos sepultamentos estão abertos. Uma maloca destas, com certeza, abrigaria mais de uma família e os postes livres do interior da maloca poderiam servir para suspender rede de dormir e outros apetrechos de caça e pesca. (ROHR, 1967b, p.998)

Quanto aos usos dos diferentes tipos de analogia, é indispensável considerar as observações e as várias possibilidades apontadas por Sharer e Ashmore (1979). Segundo esses autores, a analogia que fornece embasamento para a interpretação arqueológica pode ser originária de três diferentes fontes: dados e documentos históricos que se referem às sociedades no passado, estudos de caráter etnográfico que descrevem diferentes sociedades nativas em uma perspectiva antropológica, e estudos experimentais que tentam reproduzir condições existentes no passado. Nos trabalhos de Pe. Rohr são apresentadas inferências analógicas com base nas duas primeiras fontes de material, presentes, em parte, nas transcrições a seguir. Contudo, constata-se também, como sugerem diferentes autores, entre os quais os já citados, sua recomendação de extrema cautela em relação às referidas inferências.

Os sítios ‘rasos de sepultamento’ ou de ‘sepultamento com cerâmica’ que [...] caracterizam-se pelo elevado número de sepultamentos neles encontrados. Na realidade, são terreiros de antigas aldeias de populações que, à semelhança dos Nhambiquara do Mato Grosso, sepultavam os seus falecidos no chão da própria casa. (ROHR, 1984, p.84).

Escreve o P. Edgar Schmidt, Missionário do Mato Grosso, em carta datada de 5 de julho de 1965: Acabo de voltar de uma visita aos índios Caiabi. Irrompera entre eles uma epidemia de sarampo. Encontrei-os mergulhados em profunda tristeza e desanimo. Dez pessoas já haviam morrido e as choupanas, aliás repletas de artefatos e objetos de adorno, achavam-se vazias. Quando morre um membro da família, fazem o sepulcro precisamente no local, sobre o qual achava-se estendida a sua rede de dormir e sepultam, junto com o defunto, todos os seus pertences. [...] Admitimos que os sepultamentos dos homens da Taperá também se efetuassem dentro da própria maloca, ao redor das paredes. (ROHR, 1966, p.11).

O tembetá é um objeto de adorno, que os indígenas, carregavam no septo nasal, nos lábios ou nas orelhas perfuradas. Carl von den Steinen, encontrou generalizado o uso do tembetá entre algumas tribos indígenas do Rio Xingu. Descreve-o como pequeno fuso [...]. Apresenta também um desenho desta jóia, que em tudo se assemelha aos objetos recolhidos na nossa jazida. (ROHR, 1959, p. 219).

Os ossos do esqueleto estavam pintados de vermelho. [...] o corpo deste indivíduo, ao ser enterrado, fora envolvido em fina camada de barro vermelho (ocre vermelho), [...] ainda hoje, em uso entre os indígenas do Amazonas e outros grupos. (ROHR, 1960, p.19).

[...] não se exclui a possibilidade de que aqueles primitivos filhos da natureza, a semelhança dos seus irmãos amazonenses, lançassem mão de outros meios para limpar da carne o esqueleto dos seus entes queridos, que não fosse o sepultamento. Nós mesmos fizemos a experiência de deixar, durante meses, em água concentrada de sabão, o corpo de uma jararaca-ussu. Conseguimos, desta maneira, limpar, pouco a pouco, o delicado esqueleto de toda a carne, ficando, no entanto, os ossinhos, todos unidos e firmes, no seu lugar, pela cartilagem seca e endurecida. (ROHR, 1960, p.19).

## **Contextos etno-históricos, históricos e atuais onde foram registrados os sítios**

Constam dos trabalhos de levantamento e registro dos sítios elaborados por Pe. Rohr informações preliminares a respeito de aspectos sobre o contexto histórico e atual onde são encontrados os vestígios registrados; sobre as razões etno-históricas para sua ocorrência; e sobre o modo como as populações locais atuais identificam estes vestígios arqueológicos. Recomendações para que constem dos trabalhos arqueológicos essas informações também podem ser encontradas na literatura, em especial nos manuais de Renfrew e Bahn (1993).

Nas roças, capoeiras e brejos de Jaguaruna, existe, por certo, elevado número de sítios ainda não prospectados. Acontece que o povo da região, por demais absorvido pelos seus problemas financeiros e materiais e, em média, de mui pouca instrução, não dá a mínima atenção às coisas da arqueologia. As urnas funerárias, quando encontradas inteiras, muitas vezes, eram displicentemente quebradas e abandonadas. Os sambaquis, apenas, despertam interesse, enquanto as suas cascas podem servir para lastrear os caminhos nas dunas e terrenos paludosos ou fornecer algum dinheiro, pela exploração industrial, no fabrico de adubos e corretivos do solo. Acresce, ainda, que se trata de um povinho retraído e desconfiado, ainda mais, quando já está ciente de estar agindo fora da lei, na destruição de monumentos pré-históricos. Em decorrência disto, é muito difícil obter as informações indispensáveis para um levantamento minucioso e exaustivo de todos os sítios arqueológicos. (ROHR, 1969, p.4).

Por último, destacamos na obra de Pe. Rohr comentários sobre a cooperação e os conflitos interétnicos entre populações indígenas e os colonizadores, e a destruição sistemática de parte desta população. Do mesmo modo, serão destacadas suas opiniões sobre as precárias condições de vida de populações locais onde estão localizados os sítios investigados. Essas manifestações revelam uma surpreendente consciência crítica, fruto, sem dúvida, de sua formação humanística e de uma responsabilidade social sobejamente manifestada em sua constante luta pela preservação de nosso patrimônio histórico.

Nesta mataria imensa e inóspita habitavam, antes da descoberta, e mesmo muitos anos depois, os silvícolas. Desde o início da imigração dos brancos respeitavam-nos e tratavam-nos com justiça e cavalheirismo. Não atacavam por traição. Esperavam, no entanto, o mesmo tratamento dos brancos. Quando estes os tratavam mal ou agrediam, estavam sujeitos a serem flechados a qualquer hora. [...] os índios não incomodavam os brancos. Faziam, é verdade, às vezes brincadeiras à beira das picadas, por onde viajavam os brancos, agitando ramos de árvores, quebrando galhos, imitando os gritos de certos animais. Não se mostravam tão pouco aos brancos, de maneira que poucos destes tiveram ensejo de ver de perto um bugre, a não ser que este fosse domesticado [...] (ROHR, 1971, p.9-10).

É famoso em todo o Estado de Santa Catarina, um tal 'Martinho Bugreiro', matador de índios. Este personagem era convidado toda a vez que se tratasse de organizar uma expedição de represália ou de caça aos índios. A técnica de Martinho Bugreiro consistia em invadir o arraial a noite e trucidar os índios, antes de estes acordarem do sono. Um filho de Martinho Bugreiro, ainda vivo, mora no Município de Bom Retiro, limítrofe de Alfredo Wagner. (ROHR, 1967, p.5).

No município de Petrolândia 'Religiosamente acham-se divididos em três comunidades: católicos, evangélicos luteranos e missurianos. Apesar dos poucos recursos o pequeno povoado consegue manter de pé as suas três igrejas a erguerem as suas torres ao alto, apontando o céu. Felizmente aquele povo simples possui bastante bom senso. Apesar da diversidade dos credos, acham-se unidos e apoiam-se mutuamente. Na produção agrícola do município destacam-se gêneros tais como milho, arroz, batatinha, aipim, feijão, amendoim, batata doce, tomate, melancia, cebola e alho' (ROHR, 1971, p.6).

Das frondes desta palmácea, prepara-se um tipo de crina vegetal, que tem emprego no fabrico de colchões e estofados. São, particularmente, as mulheres e moças, que procuram ganhar um 'dinheirinho', cortando as frondes da palmácea e amarrando a crina em feixes. Ganham, porém, um salário de fome; porque o preço da crina é incrivelmente baixo, sendo paga à razão de NCr\$ 0,35 por arroba (quinze quilos) de crina. Por isto, muitos colonos estão empenhados em extirpar, das suas roças, o butiá, lançando mão do trator, do arado de bois ou do fogo. Em muitas roças vimos os butiazeiros arrancados e amontoados para a queima. (ROHR, 1969, p.3).

## Considerações finais

A contribuição do conjunto da obra de Pe. Rohr certamente não se esgota nos aspectos que acabamos de colocar em destaque. Parece-nos, contudo, que atingimos nosso propósito de prestar nossa contribuição para colocar em evidência, mais uma vez, já que o fizemos anteriormente, a importância de sua atuação como arqueólogo, tanto no contexto da arqueologia catarinense quanto da arqueologia brasileira de um modo geral.

Sinteticamente reiteramos que esta importância deve-se, em primeiro lugar, à atualidade, em termos analíticos, de suas investigações. Em relação a esta atualidade, acreditamos ter demonstrado que sua obra está em sintonia e se aproxima de uma arqueologia preocupada não apenas em recuperar e registrar objetos e restos humanos do passado, mas, sobretudo, em tentar contextualizar e fazer inferências – cautelosas e sempre devidamente sustentadas por evidências empíricas – que permitam compreender os comportamentos e os processos socioculturais vivenciados pelas populações humanas, cujos vestígios são as evidências arqueológicas disponíveis.

Em segundo lugar, a seu compromisso em salvaguardar as evidências arqueológicas como constitutivas de nosso patrimônio cultural, portadoras de referência à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, como propõe a atual Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), através de uma perspectiva socialmente comprometida com sua devida identificação, registro e conservação. Vale relembrar, neste sentido, seu investimento na tarefa do levantamento sistemático de sítios arqueológicos em Santa Catarina, o mais extensivo ocorrido na arqueologia catarinense, totalizando cerca de novos 400 sítios registrados e devidamente cadastrados.

Por último, à visão humanística e crítica que norteou suas pesquisas arqueológicas voltada, de um lado, para a realidade vivenciada pelas populações indígenas atuais, testemunhas vivas de nosso passado pré-colonial, tomadas reconhecidamente, deste modo,

como grupos formadores da nação brasileira. De outro lado, para a realidade social das populações onde localizou os sítios arqueológicos, transformadas por ele em informantes-chaves sobre estes sítios, e participantes pró-ativos de suas pesquisas, ao levar em conta suas impressões sobre os vestígios identificados e registrados.

## Notas

\* Professora Doutora vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC e à Universidade do Vale do Itajaí -UNIVALI.

\*\* Professora Doutora vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC.

## Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5/10/1988. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2001.

CHANG, K. C. Toward a science of prehistoric society. In: CHANG, K. C. (Ed.) **Settlement archaeology**. Palo Alto: National Press Books. 1968.

FOSSARI, Teresa. O legado do arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr. **Encontros Teológicos**, n. 31, Ano 16, n. 2, 2001.

FOSSARI, Teresa. **A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina**. 2004. 339 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GONÇALVES, Victor S. Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, vol. 5, n.2, 2002.

RATHJE, William L.; SCHIFFER, Michael B. **Archaeology**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1983.

REIS, Maria José. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no Planalto Catarinense**. Erechim (RS): Habilis, 2007.

REIS, Maria José; FOSSARI, Teresa D. In memoriam do Arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr. **Anais do Museu de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, 1984.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología: Teorías, métodos y práctica**. Madrid: Ediciones Akal, 1993.

ROHR, João Alfredo. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, n. 3, 1959.

\_\_\_\_\_. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina II. **Pesquisas**, São Leopoldo, Série Antropologia, n. 8, 1960.

\_\_\_\_\_. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina III., e notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul. **Pesquisas**, Série Antropologia, Porto Alegre, 12, 1961.

\_\_\_\_\_. Pesquisas arqueológicas na Ilha de Santa Catarina I. Exploração sistemática do sítio da praia da Tapera. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, n.15, 1966.

\_\_\_\_\_. O sítio arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 17,1967.

\_\_\_\_\_. A exploração científica da aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (II). **Vozes**, (61)9, 1967 a.

\_\_\_\_\_. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (IV) Ilha de Santa Catarina **Vozes**, (61)11, 1967b.

\_\_\_\_\_. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (V), Ilha de Santa Catarina, **Vozes**, (61)12, 1967c.

\_\_\_\_\_. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 22, 1969.

\_\_\_\_\_. Normas para a cimentação de enterramentos arqueológicos e montagem de blocos-testemunha. **Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Manuais de Arqueologia, Curitiba, n. 3, 1970.

\_\_\_\_\_. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, n.24,1971.

\_\_\_\_\_. A pré-história da Laguna. In: **Santo Antônio dos Anjos da Laguna: Seus valores históricos e humanos**. Publicação comemorativa da passagem do seu tricentenário de fundação. Laguna: IOESC, 1976.

\_\_\_\_\_. **O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC - F - 10**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.

\_\_\_\_\_. Pesquisas arqueológicas no município catarinense de Urussanga. **Anais do Museu de Antropologia**, Florianópolis, 12 a 15, 1982.

\_\_\_\_\_. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, UFSC, Florianópolis 1984, 17.

SHARER Robert J.; ASHMORE, Wendy. **Fundamentals of Archaeology**. Menlo Park: The Benjamin, Cummings Publishing Company, 1979.

SMITH, Jason W. **Foundations of archaeology**. Glencoe Press: London, 1976.

STEIN, Julie. **Deciphering a Shell Midden**. San Diego: Academic Press, 1992.

WILLEY, Gordon. Prehistoric settlement patterns in the Viru Valley. **Bureau of American Ethnology**. Bulletin 155, 1953.

WILLEY, Gordon. Settlement archaeology: an appraisal In: CHANG, K. C. (Ed.) **Settlement archaeology**. Palo Alto: National Press Books, 1968.

VITA-FINZI, C.; HIGGS, E.S. Prehistoric economy in the Mount Carmel area of Palestine: site catchment analysis. **Proceedings of the Prehistoric Society**. vol. XXXVI, dec. 1970.

## **Abstract**

The contribution of Pe. João Alfredo Rohr to Brazilian archaeology is, by extension, a contribution to archaeology in general, it is invaluable and deserves special attention by all those who are dedicated to this area of research, as also by those dedicated to the preservation of cultural patrimony. Throughout the almost forty years of career as an anthropologist, since the decade of the 1950s, several were the advances in theoretical-methodological terms put in practice in a pioneer way by Pe. Rohr in Santa Catarina's archaeology, empirically anticipating principles and presuppositions elaborated by international archaeologists, precursors of diverse and innovative analytic currents, of scarce circulation in those times, outside from their own countries. The purpose of this text is to enhance the importance and actual validity of the research and the writings of the mentioned archaeologist. At the same time, the document pretends to argue that his work, dedicated to identify and analyze the contents of more than 400 archaeological sites, is in tune with, and it is very proximate to an archaeology concerned not only with the recovery of objects or human remains from the past, but, mainly, with the attempt of contextualizing and making inferences –cautious and always properly sustained by empirical evidence – which might allow to understand, at least partially, the social behaviours and processes experienced in the past, material evidences which constitute, in the present, the cultural patrimony that can be rescued through archaeological research socially committed with the proper identification and registration of such patrimony.

**Keywords:** Santa Catarina's archaeology. Cultural patrimony. Processes experienced in the past.

